

Comparecimento eleitoral na Federação Russa: Análise da eleição presidencial de 2018

Matheus Cavalcanti Pestana*

2018

Resumo

Com 76,69% dos votos, Vladimir Putin é reeleito na Rússia, iniciando seu quarto mandato como presidente do país até 2024. Com voto facultativo, o índice de comparecimento às urnas está acima de 60% desde os anos 2000, o que acompanha a média dos outros países da Europa. Em 2018, a média do comparecimento nacional foi de 67,5%. Entretanto, ao olharmos os dados de comparecimento por seção eleitoral, temos um considerável número de casos com comparecimentos acima de 90% e tantos outros com 100% de presença. Em um país com voto facultativo e com menos de 30 anos de transição democrática, 100% de comparecimento às urnas é um número notável. O presente artigo, então, objetiva-se a analisar as razões desse alto nível de comparecimento em 2018, verificando hipóteses anteriormente consideradas por outros autores, como obrigação moral, fraude eleitoral, mobilização feita pelos governadores e pressão patronal.

Palavras-chave: comparecimento eleitoral, comportamento eleitoral, Rússia, eleições.

1 Introdução

“Por que os indivíduos votam?” é uma das perguntas que permeia a literatura sobre comportamento eleitoral na área da Ciência Política. Em países onde o voto não é obrigatório, entender os motivos que levam um cidadão à urna para a escolha de seus representantes é tão importante quanto entender os critérios utilizados pelo mesmo para decidir seu voto. Hipóteses como um senso de dever cívico, altruísmo, interesse próprio, pressão social e simples hábito são consideradas, mas não há um consenso sobre as motivações do eleitor de comparecer à seção eleitoral, afinal, os motivos podem variar de

*Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IESP/UERJ) - Email: matheus.pestana@iesp.uerj.br

acordo com o contexto nacional e também a nível individual. O índice de comparecimento eleitoral, então, leva a Ciência Política a fazer inferências sobre o comportamento de um determinado eleitorado.

Entretanto, ao analisarmos o comparecimento em diversos países, os dados são agregados, geralmente, em uma média nacional, o que não permite uma análise um pouco mais profunda. O ideal, em países com dados abertos, é utilizar a seção eleitoral como unidade de análise, o que possibilita inferências mais precisas acerca do comportamento de um eleitorado em um bairro, cidade ou região, propiciando estudos mais pontuais, permitindo uma melhor compreensão. Além disso, tais regiões devem ser colocadas também através do tempo, para que possam ser observadas mudanças no comportamento do eleitorado, no que tange ao comparecimento.

Entretanto, o presente artigo se propõe, de forma exclusivamente expositiva, analisar hipóteses levantadas por outros autores em eleições anteriores, e verificar sua validade na última eleição presidencial, de 2018.

2 O caso da Federação Russa

Na Federação Russa, os dados eleitorais são abertos e disponíveis *online* desde a eleição para a *Duma*, o parlamento russo, em 2003. O órgão responsável pelas eleições, a ЦИК¹, divulga os dados através da plataforma “Выборы”², onde se pode consultar os dados de cada eleição, em todos os níveis: nacional, estadual, municipal e por seção eleitoral.

Utilizando essa plataforma, foram captados os dados da eleição presidencial que ocorreu em 18 de março de 2018. A base de dados dessa eleição contém 97697 seções eleitorais, denominadas Comissões Eleitorais Circunscricionais (Участковая избирательная комиссия, na sigla УИК - UIK). Logo, existem 97697 UIKs na Federação Russa. Entretanto, dentre essas, estão contempladas as seções localizadas fora do território russo, presentes no mundo todo, através de consulados, e também a cidade de Baikonur, no Cazaquistão, que é administrada pelo governo russo por conta da existência de um Cosmódromo no local. Ao retirarmos essas seções, por representarem um problema diferente no que tange ao comparecimento³, obtemos 97297 casos. Ao sumarizar tais dados, obtemos, como visto na Tabela 1, na página 301, observamos uma distribuição assimétrica do comparecimento em todas as UIKs, por termos uma média 3,39 pontos acima da mediana,

¹ Abreviação de “Центральная избирательная комиссия” - Comissão Central Eleitoral, em tradução livre.

² Plataforma “Vybery” - <<http://www.vybery.izbirkom.ru/region/izbirkom>> - em russo. Último acesso: 09/05/2018

³ No caso das seções existentes fora do território russo, dos 393 casos, em 276, ou seja, 70,22%, há um comparecimento de 100%. É perceptível que tais seções não possuem o mesmo rigor na inscrição de seus eleitores, comparadas às seções dentro da Rússia. A inscrição na lista de eleitores, na Rússia, é automática, como no Brasil, apesar do voto não ser obrigatório. Assim, cidadãos russos que vivem em outro país não precisam notificar o consulado sobre seu desejo de votar, bastando ir ao mesmo no dia do pleito. Entretanto, pela base de dados, verificam-se seções com um determinado número de eleitores inscritos, e um número menor de eleitores que compareceram, não se sabendo, até então, como foi construída pelo consulado, a lista de eleitores inscritos originalmente, já que não há inscrição por parte do eleitor.

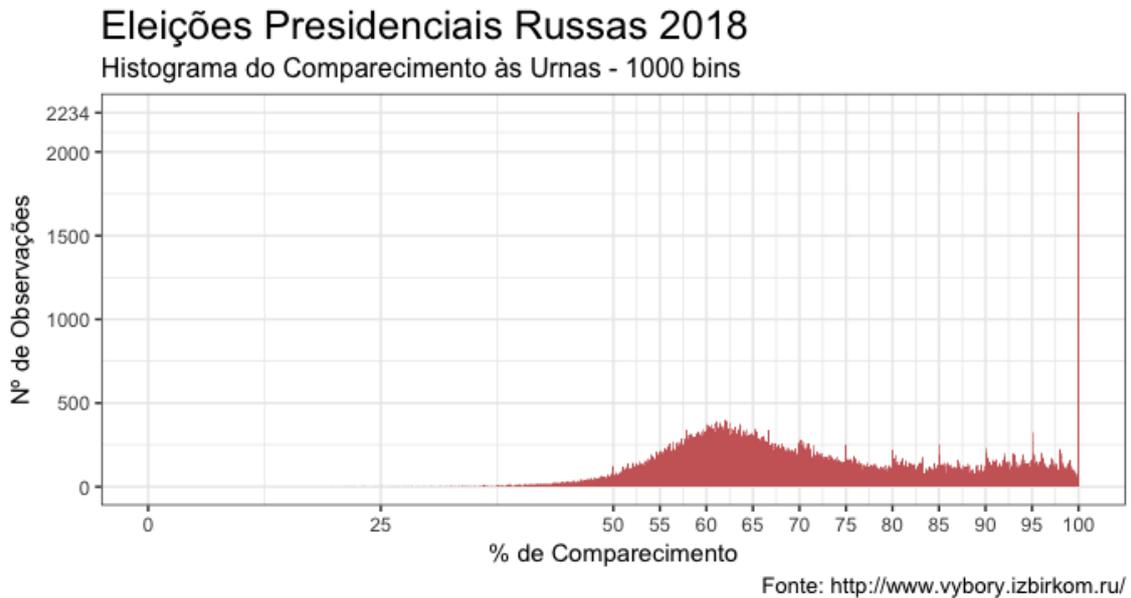


Figura 1 – Histograma do Comparecimento às Urnas

indicando que os valores mais elevados de comparecimento encontram-se mais distantes do centro de distribuição dessa curva. E isso pode ser verificado a partir do gráfico na Figura 1, na página 301. Há um elevado número de casos concentrados em 100%, além de pequenos picos, localizados principalmente em números múltiplos de 5, a partir dos 70%, o que se relaciona com o tratado por Kobak et al. (2016). Diante de tais dados, pode-se perceber que o comparecimento eleitoral na Federação Russa é atípico, existindo diversas hipóteses para justificá-lo, as quais serão tratadas adiante.

Min.	0,00%
1º Quartil	60,35%
Mediana	68,18%
Média	71,57%
3º Quartil	83,16%
Max.	100,00%

Tabela 1 – Sumarização do Comparecimento

3 O partido “Rússia Unida”

Segundo a ЦИК⁴, a eleição presidencial de 2018, que ocorreu em 18 de março do mesmo ano, teve como resultado, como visto na tabela 2, a vitória de Vladimir Vladimirovich Putin, com 76,69% dos votos. Putin, que chega ao cargo em 2000, tendo ocupado,

⁴ Fonte: Resultado da eleição presidencial de 2018 da Federação Russa - <http://www.vybory.izbirkom.ru/region/region/izbirkom?action=show&root=1&tvd=100100084849066&vrn=100100084849062®ion=0&global=1&sub_region=0&prver=0&pronetvd=null&vibid=100100084849066&type=226> - em russo. Último acesso: 14/05/2018.

anteriormente, a função de Primeiro-Ministro da Federação Russa durante o governo de Bóris Iéltsin, está em seu quarto mandato, tendo exercido a presidência entre 2000 e 2008, e entre 2012 até 2024, quando finaliza o atual mandato. Entre 2008 e 2012, o cargo de Presidente foi ocupado por seu Primeiro-Ministro, Dmitri Medvedev. Ambos são filiados ao partido “Rússia Unida”, um *party of power*, fundado em 1º de Dezembro de 2001, e que atualmente controla 128 dos 170 assentos no Conselho Federal⁵, 338 dos 450 assentos na *Duma* Estatal⁶, detém 3095 dos 3980 assentos nos parlamentos regionais⁷ e possui 77 dos 85 governadores⁸ - . Isso demonstra que o partido possui ampla maioria em todos os níveis da federação, controlando diversos recursos em todas as esferas.

Candidato	% de votos
Vladimir Vladimirovich Putin	76,69%
Pavel Nicolaevich Grudinin	11,77%
Vladimir Volfovich Jirinovsky	5,65%
Ksênia Anatolievna Sobchak	1,68%
Grigori Alekseevich Yavlinsky	1,05%
Boris Iurivich Titov	0,76%
Maxim Aleksandrovich Suraikin	0,68%
Sergei Nikolaevich Baburin	0,65%

Tabela 2 – Resultado da Eleição Presidencial 2018

4 Hipóteses

A corrente seção se dedicará a revisar hipóteses levantadas em eleições anteriores, buscando aplicá-las no momento atual, para tentar explicar o comparecimento na última eleição. A obrigação moral/senso de dever cívico, a mobilização por parte dos governadores, a coação por parte de empregados e professores e a hipótese de fraude eleitoral, especificamente no comparecimento, serão abordadas.

⁵ Fonte: Lista de membros do “Rússia Unida” no Conselho Federal - <http://er.ru/persons/federal_council/> - em russo

⁶ Fonte: Lista de deputados do “Rússia Unida” na *Duma* Estatal - <<http://www.er-duma.ru/party/list/>>

⁷ Fonte: Parlamentos Regionais da Rússia - <https://en.wikipedia.org/wiki/Regional_parliaments_of_Russia> - em inglês. Último acesso: 14/05/2018. O partido “Rússia Unida” se encontra referenciado como “UR” (*United Russia*).

⁸ Fonte: Lista de governadores da Federação Russa - <https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_heads_of_federal_subjects_of_Russia#Current>

4.1 Obrigação moral

A primeira hipótese, como observado por [Blais, Young e Lapp \(2000 apud WHITE; FEKLYUNINA, 2011\)](#), é a da obrigação moral, que é a mais importante determinante do voto ([BLAIS; YOUNG; LAPP, 2000](#), p. 190). Segundo pesquisa executada por [White e Feklyunina](#), no início de 2008, 77% dos eleitores afirmam ter votado para a eleição para os deputados da *Duma* Estatal, ocorrida 2 meses antes. Entretanto, os dados oficiais declaram um comparecimento de 64% ([WHITE; FEKLYUNINA, 2011](#), p. 579). Ou seja, as pessoas se sentem coagidas a votar de forma que, quando não o fazem, mentem que fizeram. Logo, não se pode rejeitar a hipótese de obrigação moral: os indivíduos podem visualizar o voto como um exercício de cidadania.

Tal hipótese faz sentido, se levarmos em consideração o período da existência da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Existiam eleições regulares para o Legislativo de cada Soviete Supremo e para os Executivos regionais, mas não para o cargo de Secretário Geral da URSS, que era escolhido pelo *Politburo*, o ramo executivo do Partido Comunista da União Soviética. Por sua vez, os membros do *Politburo* eram escolhidos pelo Comitê Central, e eram membros deste. Os membros do Comitê Central eram eleitos pelos delegados nos congressos do Partido Comunista. Assim, a eleição era absolutamente indireta, não podendo o povo soviético escolher seu Secretário-Geral, senão através das instâncias estipuladas pela lei.

Assim, isso pode refletir na Federação Russa atualmente na medida em que, por ter passado um período sem eleger diretamente seus representantes, há um senso de dever cívico e/ou obrigação moral de fazê-lo, levando a um alto índice de comparecimento, o que poderia ser aplicado à eleição de 2018. Entretanto, tal hipótese sofre com o fato da extrema dificuldade em verificá-la, tanto na última eleição quanto nas outras.

4.2 Mobilização dos Governadores

Outra hipótese a ser considerada é a apresentada por [Goloso](#), que afirma a existência de uma necessidade dos governadores de apresentarem resultados ao *Kremlin* em troca de uma não-interferência do mesmo em assuntos internos da região. Isso foi observado por [Sakwa \(2000 apud GOLOSOV, 2011\)](#) nas eleições de 1999 para a *Duma* Estatal, na qual a rivalidade entre os dois *party of power* existentes, o Unidade e o Pátria-Toda a Rússia, foi visivelmente explicitada pelo apoio de cada um dos governadores, leais a um ou ao outro partido ([GOLOSOV, 2011](#), p. 626). Posteriormente, ambos os partidos se fundiram para criar o “Rússia Unida”.

Os governadores buscavam que o *Kremlin* não interferisse em seus assuntos internos para afastar a possibilidade do ocorrido em 1999, no episódio conhecido como “Segunda Guerra na Chechênia”, quando movimentos separatistas chechenos se insurgiram contra o governo central. Putin se torna Primeiro-Ministro nesse contexto, fazendo uma ofensiva russa na região, retomando o controle da mesma. Assim, posteriormente, outros governadores tinham como objetivo evitar esse tipo de intervenção, oferecendo determinada lealdade ao governo central, mobilizando eleitores. No momento analisado por [Sakwa](#), os *parties of power* não possuíam penetração por todo o território, funcionando apenas a nível nacional, enquanto partidos específicos de cada região eram mais fortes, como visto em [Goloso](#) (2011, p.628), e os próprios governadores não possuíam, em sua

maioria, uma filiação partidária definida, evitando-a para sempre possuir boas relações com o governo central, independente do partido que ali estivesse (GOLOSOV, 2011, p.627). Os governadores, a princípio, eram independentes, por possuírem o controle de recursos econômicos, como petróleo e gás.

Esse cenário de não-filiação por parte dos governadores foi abruptamente transformado em 2009, quando uma lei, proposta por Vladimir Putin em 2004 e introduzida por Medvedev em 2008, entrou em vigor. A lei garantia que o partido que controlasse a maioria em uma assembleia regional, pudesse nomear o governador, dentre uma lista apontada pelo presidente (REUTER, 2010, p.298). Tal fato levou a uma indicação massiva de políticos filiados ao “Rússia Unida” (o que pode ser comparado ao antigo sistema de *nomenklatura* da URSS), além de filiações de governadores ao partido, como observado por Reuter. Assim, o suporte ao partido, a partir de 2009, era garantido, com a lealdade dos governadores ao Rússia Unida. Assim, o controle dos recursos econômicos supracitados também se transferiu para o partido “Rússia Unida”, que podia, a partir do governo central, demitir e indicar novos governadores. Tal mecanismo de indicação caducou em 2012, mas permitiu que o partido garantisse suas posições nas regiões e ganhasse apoio.

Assim, para um governador se manter no poder, é necessário que o mesmo mobilize eleitores para apoio ao “Rússia Unida” nas urnas, ampliando a performance do partido. Tal hipótese faz sentido até 2012, momento em que a lei de indicação de governadores é revogada, mas não se aplica integralmente à eleição de 2018, já que os governadores não são mais indicados, logo, não precisam temer sua demissão do cargo. Entretanto, por razões óbvias de fidelidade partidária, a hipótese faz parcialmente sentido, embora a contrapartida não seja tão grave como a cassação do mandato. Atualmente, a maioria dos governadores faz parte do Rússia Unida, sendo 77 governadores em 85 regiões.

4.3 Pressão patronal e escolar

White e Feklyunina apresentam uma terceira hipótese que pode ser mencionada: a pressão em ambiente de trabalho. Os autores trabalham com grupos focais, e algumas opiniões explicitadas permitem a percepção de uma coação no ambiente de trabalho para não só um comparecimento às urnas, mas também pelo voto no candidato do partido “Rússia Unida”. Dois exemplos são dados: no primeiro, uma participante de um dos grupos focais, afirma que o diretor da fábrica onde a mãe trabalhava, na cidade de *Kaluga*, “deixou bem claro para a mãe e seus colegas em quem eles deveriam votar” (WHITE; FEKLYUNINA, 2011, p. 585), e em outro caso, o diretor de uma fábrica em *Novomoskovsk* era membro do partido “Rússia Unida” e “deixou claro a todos os seus subordinados como era esperado que eles votassem” (WHITE; FEKLYUNINA, 2011, p.585).

Por desconhecermos as ditas fábricas, é impossível verificar a aplicabilidade dessa hipótese na última eleição presidencial. Entretanto, sabendo que o primeiro exemplo é da cidade de *Kaluga*, localizada no *Oblast de Kaluga*, ao sumarmos os dados do comparecimento nos 3 distritos da cidade, obtemos uma distribuição com valores inferiores até mesmo no nível nacional, como observado na Tabela 3.

Já em *Novomoskovsk*, localizada no *Oblast de Tula*, o mesmo acontece: os valores da distribuição se encontram abaixo dos visualizados na Tabela 1, mostrando que essa hipótese ainda é pouco relevante, embora não deva ser rejeitada, para explicar um nível

alto de comparecimento na eleição de 2018.

Outros dois casos podem ser citados: os supervisores da fábrica de automóveis GAZ, em *Nijnii Novgorod*, obrigaram, em 2008, os seus trabalhadores de votarem no partido de Putin e que deveriam telefonar para eles [os supervisores] assim que saíssem da seção eleitoral. Nas escolas, há relatos de professores que davam aos alunos panfletos intitulados “Os Planos de Putin”, e pediam que os pais votassem no partido “Russia Unida” (LEVY, 2008). Na Tabela 3, a distribuição em 2018 para os dois distritos fabris (Автозаводская Северная e Автозаводская Южная) possuem também uma distribuição abaixo do observado em toda a Federação Russa.

Essa hipótese não pode ser considerada fraca, mas também apresenta dificuldades de verificação: o que se tem são relatos de casos específicos, que certamente não possuem magnitude para explicar todo um país.

	Kaluga	Novomoskovsk	Nijnii-Novgorod - Avtozavodsk
Mín.	47,71%	59,00%	49,93%
1º Quartil	62,06%	65,49%	58,00%
Mediana	64,71%	70,17%	61,80%
Média	65,05%	71,63%	61,95%
3º Quartil	66,71%	75,07%	64,43%
Max.	100,00%	100,00%	100,00%

Tabela 3 – Distribuição do comparecimento em Kaluga e Novomoskovsk

4.4 Fraude eleitoral

Uma outra hipótese a ser considerada é a de que o alto nível de comparecimento se deve à fraudes eleitorais. Kobak et al. apresentam a hipótese de que, “se os resultados de uma eleição são manipulados ou forjados, a frequência de porcentagens arredondadas deve ser elevado”, entendendo que há uma atração dos seres humanos aos números arredondados. Esse fenômeno é muitas vezes referenciado como *heaping* (CRAWFORD; WEISS; SUCHARD, 2015 apud KOBAK et al., 2016). Os autores analisam dados de sete eleições federais na Rússia, de 2000 a 2012 e, utilizando simulações de Monte Carlo, observam uma frequência elevada de números arredondados, múltiplos de 5, em determinadas regiões (KOBAK et al., 2016, pp. 65-66).

A definição de “porcentagem arredondada” de Kobak et al. foi considerada a partir da observação dos dados, baseando-se no fato de que é impossível uma porcentagem ser exatamente inteira, dado que o número de eleitores e o número de votos são números inteiros. Logo, entendendo que, através de exemplo dado pelos autores, em uma seção eleitoral com 974 eleitores registrados, o valor mais próximo possível de 70% é 70,02%, com 682 pessoas participando das eleições, uma porcentagem inteira pode ter um desvio de 0,05%. Em sua análise, os autores retiram também os casos de seções com 100% de comparecimento (como é o caso de seções eleitorais temporárias, em aeroportos, estações de trem e metrô, etc) e seções com menos de 100 eleitores, já que qualquer número de votantes resultaria em uma porcentagem inteira.

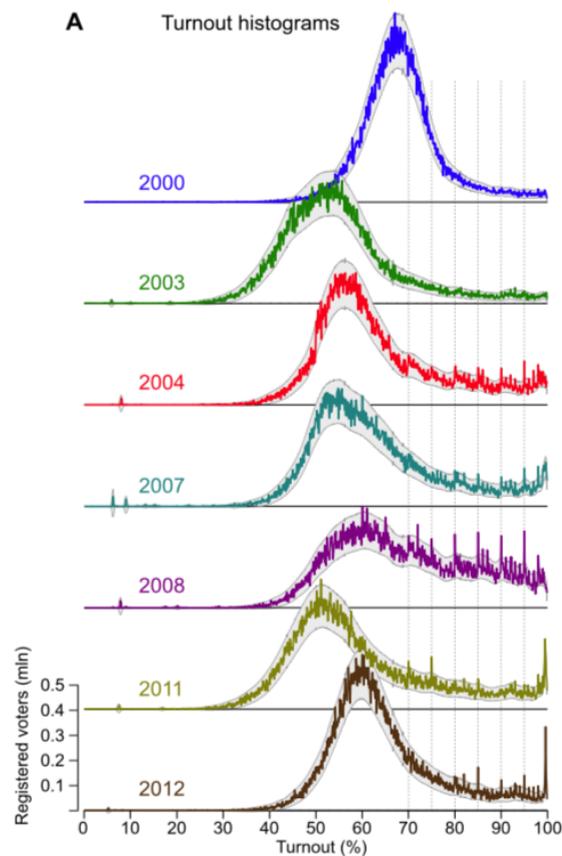


Figura 2 – Histograma de comparecimento: 2000-2012. Fonte: Kobak et al (2016).

Os autores observam, a partir de simulações de Monte Carlo com 10000 repetições, que as eleições entre 2000 e 2003 apresentam valores inteiros dentro do esperado, dado pelas simulações. Entretanto, a partir de 2004, esses números se elevam, ultrapassando os valores obtidos pelas simulações, podendo-se afirmar que “o número observado de valores inteiros em seções eleitorais quase certamente não teria ocorrido por acaso”. Ao plotarem histogramas do comparecimento, como pode ser visto na figura 2, Kobak et al. observaram pequenos picos exatamente em valores arredondados, múltiplos de 5, a partir de 70%, representando uma anomalia.

Tais picos também se repetem nas eleições de 2018, como observado na figura 1. Se ampliarmos o referido gráfico e recortarmos no intervalo entre 70% e 95% (o mesmo que possui os picos anômalos observados por Kobak et al.), como pode ser visto na figura 3.

Através da figura 3, fica claro que o verificado por Kobak et al. se manteve na eleição de 2018, com um número muito elevado de porcentagens arredondadas em múltiplos de 5, acima da distribuição normal, o que nos permite aceitar a hipótese de fraude eleitoral nos valores de comparecimento às urnas. No banco de dados de 2018, por discordar de Kobak et al. no que tange à retirada das seções eleitorais com 100% de comparecimento, elas foram mantidas. O argumento para mantê-las é de que elas são consideradas no cálculo da média nacional, logo, influenciam no deslocamento da distribuição para um número elevado, representando 2234 casos, como é visível na figura 1. Como afirmado pelo

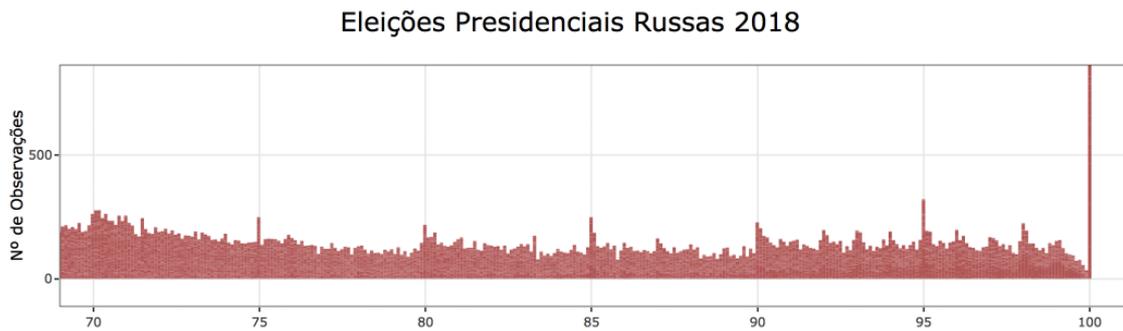


Figura 3 – Histograma de comparecimento na eleição de 2018 - Picos entre 70% e 100%

autor, muitas (contudo não todas) dessas seções são temporárias, existindo em aeroportos, estações, e outros locais públicos de grande movimento, e isso representa um outro problema, que foge ao escopo deste artigo. Diferente das seções consulares, que também apresentam problemas no que tange ao comparecimento, como referenciado na seção 2, essas sessões temporárias não podem ser perfeitamente identificadas no banco de dados: apesar de existir uma variável denominada “Число избирательных бюллетеней в переносных ящиках для голосования”, que pode ser traduzida como “Número de votos em urnas móveis”, ela se mistura com os votos em urnas estacionárias, impossibilitando uma separação por seção eleitoral.

5 Conclusão

Assim, a partir da revisão das hipóteses apresentadas, não se pode rejeitar a fraude eleitoral para justificar o elevado número no comparecimento, entendendo que as outras hipóteses, como obrigação moral, mobilização dos governadores e pressão patronal e escolar também são relevantes, porém, são difíceis de serem verificadas e, em alguns casos, fracas. Entretanto, a hipótese de fraude mostra-se mais plausível por conta da verificação dos eleitorais de 2018, acompanhando o observado por Kobak et al. em eleições anteriores.

Todavia, ao observamos os dados de pesquisas de opinião pública feitas durante o período da campanha pelos 3 principais institutos de pesquisa da Rússia, os números apresentados pelos mesmos indicavam a vitória de Putin em todos os cenários. A última pesquisa, de 9 de março de 2018⁹, aplicada pelo instituto ВЦИОМ - Всероссийский центр изучения общественного мнения (Centro de Toda a Rússia para o Estudo da Opinião Pública), indica a vitória de Putin com 69% dos votos válidos. Na eleição, Putin obteve 76% dos votos. Apesar dos 7% de diferença, a vitória seria iminente.

Se os dados sobre comparecimento nas eleições são forjados na Rússia, é preciso um estudo mais aprofundado para compreender as razões para tal, entendendo que mesmo com valores menores de comparecimento, o resultado eleitoral seria o mesmo, como visto nas pesquisas de opinião. Se Putin é popular (como visto em Frye et al.) nas pesquisas, ou seja, possui apoio da população, quais seriam os motivos para cometer a fraude, e

⁹ Fonte: Pesquisa de opinião pública para a eleição presidencial de 2018 - <https://wciom.ru/news/ratings/vybory_2018/> - em russo. Último acesso: 15/05/2018

principalmente, no comparecimento às urnas? Além do mais, considerando que não há fraude, e que Putin em todas as eleições apresentou uma ampla margem de vitória sobre seus oponentes, o que leva o cidadão russo a fazer questão de votar, já que a vitória é garantida? Tais perguntas são a motivação para os próximos artigos.

Referências

BLAIS, A.; YOUNG, R.; LAPP, M. The calculus of voting: An empirical test. *European Journal of Political Research*, Springer, v. 37, n. 2, p. 181–201, 2000. Citado na página 303.

CRAWFORD, F. W.; WEISS, R. E.; SUCHARD, M. A. Sex, lies and self-reported counts: Bayesian mixture models for heaping in longitudinal count data via birth-death processes. *The annals of applied statistics*, NIH Public Access, v. 9, n. 2, p. 572, 2015. Citado na página 305.

FRYE, T. et al. Is putin’s popularity real? *Post-Soviet Affairs*, Taylor & Francis, v. 33, n. 1, p. 1–15, 2017. Citado na página 307.

GOLOSOV, G. V. The regional roots of electoral authoritarianism in russia. *Europe-Asia Studies*, Taylor & Francis, v. 63, n. 4, p. 623–639, 2011. Citado 2 vezes nas páginas 303 e 304.

KOBAK, D. et al. Integer percentages as electoral falsification fingerprints. *The Annals of Applied Statistics*, Institute of Mathematical Statistics, v. 10, n. 1, p. 54–73, 2016. Citado 4 vezes nas páginas 301, 305, 306 e 307.

LEVY, C. Kremlin rules. putin’s iron grip on russia suffocates his opponents. *New York Times*, 2008. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2008/02/24/world/europe/24putin.html>>. Citado na página 305.

REUTER, O. J. The politics of dominant party formation: United russia and russia’s governors. *Europe-Asia Studies*, Taylor & Francis, v. 62, n. 2, p. 293–327, 2010. Citado na página 304.

SAKWA, R. Russia’s ‘permanent’(uninterrupted) elections of 1999–2000. *The Journal of communist studies and transition politics*, Taylor & Francis Group, v. 16, n. 3, p. 85–112, 2000. Citado na página 303.

WHITE, S.; FEKLYUNINA, V. Russia’s authoritarian elections: the view from below. *Europe-Asia Studies*, Taylor & Francis, v. 63, n. 4, p. 579–602, 2011. Citado 2 vezes nas páginas 303 e 304.